

VERNACULIDADE VERSUS RELATINIZAÇÃO:
O TESTEMUNHO DOS GRAMÁTICOS PORTUGUESES QUINHENTISTAS

MARIA HELENA PAIVA

Fac. Letras do Porto

Restringimos ao âmbito do léxico e às suas consequências fonéticas a análise do embate entre a deriva vernaculizante, mediante a qual os vocábulos importados do latim são submetidos às leis de adaptação características das formas semi-eruditas, e a deriva relatinizante que lhes mantém o cariz originário. Os gramáticos portugueses quinhentistas ilustram, pelas atitudes e pelas práticas, a expansão progressiva da deriva relatinizante: rejeitada veementemente por Oliveira no plano do explícito e afectando escassamente a sua prática, dignificada por Barros como factor de "elegância", mas contrariada pela defesa da "música" da língua e projectando-se ecleticamente numa prática ainda predominantemente vernaculizante, essa segunda deriva apresenta-se em Gândavo com a uniformidade característica dos usos consolidados e assume em Leão a dupla definição explícita, como marca da elite "dos maiores e mais nobres" e prática, pela adopção generalizada de traços que a evolução ancestral havia dissolvido, mas de cuja fixação resultou a alteração de dominantes fonéticos do português, como o acentuado aumento de proparoxítonos e a reintrodução de grupos consonânticos latinos, tendências ainda hoje rejeitadas pela língua popular e que importa indagar em que medida se repercutem na comunicação corrente, na imagem que dela dá o Português Fundamental.

VERNACULARITY VERSUS RELATINIZATION:

THE TESTIMONY OF PORTUGUESE GRAMMARIANS FROM THE XVIth CENTURY

The analysis of the clash between the vernacularizing drift, which submits the words imported from Latin to the laws of adaptation so typical of semi-erudite forms, and the relatinizing drift, which keeps its original aspect, will be in this communication limited to lexis and its phonetic consequences. The Portuguese grammarians from the XVIth century show, through their attitude and practice the progressive expansion of the relatinizing drift: strongly rejected by Oliveira at explicitness level and hardly affecting its practice, dignified by Barroa as a factor or "elegance", but contradicted by the projection of the "music" of the language and projecting itself ecletically in a still predominantly vernacularizing practice, this second drift appears in Gândavo with the uniformity typical of the consolidating usage. It shows in Leão the double definition explicit, as an elite mark "of the greatest and noblest" and practical, made possible through the generalized adoption of features dissolved by the ancestral evolution. This evolution allowed the changing of phonetic dominants in Portuguese, such as the important raise of proparoxytones and the reintroduction of Latin consonantal units. These tendencies are still nowadays rejected by popular language and it is important to know into what extent they are relevant in current communication, in its image of Fundamental Portuguese.

O tema que vou tratar integra-se na pesquisa que venho realizando sobre a fixação do padrão linguístico no século XVI, através da obra dos gramáticos. É portanto como um saber a fazer-se que apresento esta comunicação.

Vernaculidade e relatinização do idioma constituem duas ten-

dências que marcam nitidamente os gramáticos quinhentistas, da medula à superfície dos textos: da comparação entre as obras gramaticais e paralinguísticas da quinhentos, ressalta tanto aquilo que configura a individualidade de cada autor, como aquilo que, sendo comum, constitui o fundo relativamente uniforme que será difícil não interpretar como reflexo de um grupo social, geográfica e cronologicamente situado.

Começaremos pela análise das práticas linguísticas, porque uma densa dimensão metalinguística articula a prática com a reflexão sobre a língua e a impregna da atitude subjectiva do autor, porque coerência e incoerência entre atitudes e práticas nos informam sobre a geração de novas formas, a recessão ou a expansão de usos e sobre o grau de consolidação desses usos; a prática linguística do gramático é ainda decisiva porque faz parte integrante da sua mensagem doutrinária e como tal pode ser rejeitada ou erigida em modelo.

De uma primeira análise do corpus (1) conclui-se pela existência de duas sincronias, a primeira representada por Fernão d'Oliveira, em 1536 e por João de Barros, em 1540, a segunda representada por Pero de Magalhães de Gândavo em 1574 e por Duarte Nunes de Leão, em 1576 e 1606.

Conclui-se ainda que, relativamente aos traços mais marcantes da evolução que se opera ao longo do século, a segunda sincronia apresenta uma regularidade que reflete a extensão e a profundidade do movimento ainda incipiente e hesitante na primeira sincronia, e a estabilização da dinâmica que continuará a actuar na língua para além do século XVI. Em consequência, decidiu-se que fossem trabalhadas sobre amostra as obras representativas da segunda sincronia. A amostra, elaborada segundo critérios estatísticos (2), representa um quarto de cada obra, acrescido de complementos particularmente informativos, seleccionados segundo critérios gerais (3).

O tratamento computacional do corpus, em vias de conclusão, permitirá a elaboração de um índice geral de vocábulos, de que não disponho ainda, motivo por que a expressão quantificada da variação/evolução que apresentarei a seguir, colhida nas listas alfabéticas de formas e nas concordâncias, está sujeita a caução, visto que só um índice geral faculta números inequivocamente exactos.

Não poderei deixar de formular pelo menos outra restrição: a de que seleccionar elementos num todo de mais de 60.000 formas é correr o risco de moldar a parte colhida no todo ao jeito das teses que assumimos.

Procurei reduzir ambos os inconvenientes, tratando de preferência fenómenos de carácter geral que são simultaneamente aqueles que melhor servem o tema. De entre os fenómenos gerais, centro-me naqueles que afectam a forma do vocábulo, quer porque a sintaxe e a semântica ultrapassam a unidade de tratamento electrónico que é, primeiro a forma-ocorrência e depois o vocábulo, quer porque a riqueza do tema me veda a exploração de outros sectores.

Antes de abordar o tratamento de fenómenos gerais internos ao vocábulo, aludirei a duas dominantes que extravasam desse esquema, mas se repercutem permanentemente nos fenómenos a seguir analisados.

A primeira dessas dominantes é a importação de latinismos de conteúdo e de forma, muitos dos quais se documentam já anteriormente mas sobretudo no século XV, e servem necessidades novas do discurso didáctico em vernáculo, quer "trasladado" do latim quer originário, importação mediante a qual o vernáculo conquista progressivamente ao latim o estatuto de língua de cultura (4): é o caso de atribuir, atestado em Zurara, e documentado em Barros e Leão, de voluntário, também atestado em Zurara e utilizado por Oliveira e Leão ou, no sector em que se sobrepõem o didáctico e o literário, de solícito, atestado em 1436 e usado por Barros e Leão. Estes latinismos de conteúdo e de forma tornam-se, como é previsível, mais

frequentes à medida que o século avança e o corpus antecipa provavelmente para alguns a data da primeira atestação, como é o caso de comunicar, que José Pedro Machado atesta na Eufrosina, em 1555, e se documenta desde 1536 em Oliveira e posteriormente em Barros, ou de veemência, documentado em Francisco de Andrade, no Primeiro cerco de Diu, de 1589, mas anteriormente usado por Barros.

A segunda das dominantes a que me referi é a relatinização de formas tradicionais, mediante processos não plenamente sistemáticos ou que, sendo sistemáticos, não tratarei agora. A esta área correspondem os vocábulos que agrupei no quadro I (5), que apresentam como características comuns: 1º - a forma tradicional está documentada no Leal Conselheiro, segundo Roberts (6); 2º - a forma relatinizada domina nos gramáticos do fim do século; 3º - esta forma é a única que subsiste no português actual. Relativamente aos dois vocábulos que se acham representados no poema, fiz figurar um outro termo de comparação exterior ao corpus, Os Lusíadas (7).

ORIENTAÇÕES PARA A LEITURA DOS QUADROS

1. O total de variantes por obra inclui o número precedido de abreviatura, como GR ou VLG.
2. As colunas 1 e 2 representam, respectivamente, os totais da primeira e da segunda síncronias.
3. Código
- 3.1. Classes de vocábulos/unidades

AJ = AJECTIVO

PF = PREFIXO

ST = SUBSTANTIVO

PP = PREPOSIÇÃO

3.2. Modos de ocorrência

- GR - assinala, de modo não sistemático e por razões de economia expositiva, ocorrências de vocábulos polissêmicos constitutivos da terminologia gramatical, nos casos em que se considerou essa informação pertinente e possível (numa terminologia então a forjar-se, é frequente que significado corrente e significado técnico se actualizem simultaneamente no contexto; ex: espécia e calidade, em Barros).
- LTP - Latim e/ou Português: Vocábulo explicitamente referido como simultaneamente Latino e Português, ou em que a identidade de forma e de conteúdo, bem como o contexto, não permitem a integração exclusiva numa das línguas; ex: LRT - QUASI "do mesmo modo que"
- MT - Ocorrência Metalinguística de diversos tipos não discriminados aqui, como quando a forma é objecto de descrição ou análise, ou figura em lista de palavras, não sendo a classificação de metalinguística absorvida por outra convenção mais precisa.
- NAT - Forma integrada, em LRI, na lista "dos vocábulos que os portugueses tem seus Nativos, que não tomaram de outras gentes que nós sabemos".
- PCN - Preconizado, juízo explícito.
- VLG - Vulgarismo, Juízo explícito.

I	LC	1	0	B	2	G	LRT	LRI	LUS
REZÃO	+	13	13 MT:1	--	1+[1]	-	2 VLG:1	--	2
RAZÃO	+	17	1	16 MT:6	27	7	13 PCN:1	7	30
DEFINIÇÃO	+	11	2	9	--	-	--	--	--
DEFINIÇÃO	-	-	--	--	4	-	2	2	--
AJ/ST	+	30	15	15	1	-	1	--	3
CONTRÁRIO	(+)	4	--	4	6	-	4	2	14
ESPÉCIA	+	33	7	26	--	-	--	--	--
ESPÉCIE	-	-	--	--	2	-	2	--	--

(1) CONTRÁRIO NÃO ESTÁ DOCUMENTADO, MAS OCORREM CONTRARIAR, CONTARARIAMENTO.

Examinando o quadro I, constatamos que, relativamente a razão, ambas as variantes estão documentadas no Leal Conselheiro e a forma mais próxima do latim encontra-se já nos primeiros gramáticos, sendo exclusiva em Barros. Mesmo em emprego metalinguístico, em que é de esperar um uso mais consciente da língua, Oliveira emprega a forma com dissimilação. Na Ortografia, Leão condena-a como vulgarismo, ao mesmo tempo que preconiza a forma razão, embora a forma explicitamente rejeitada ocorra uma vez na parte da obra analisada (dar rezão).

Quanto a definição, a primeira sincronia caracteriza-se pela exclusividade da forma com queda da vogal pretónica, ocorrendo a forma relatinizada pela primeira vez na segunda Sincronia.

As formas seguintes apresentam uma dimensão paradigmática: a variação contraíro/contrário ilustra a tendência que se consolida na segunda metade do século para a eliminação de formas semi-aruditas deste tipo, em favor da determinação -ário que proliferava em

substantivos e adjectivos, duplos cultos semanticamente diferenciados das formas populares correspondentes em -eiro. A ocorrência da forma contrairo na Ortografia de Leão integra-se na lexia complexa pelo contrairo, facto que não podemos dissociar da maior resistência à inovação das formas integradas em sequências cimentadas pelo uso.

Finalmente, o par espécia/espécie ilustra o abandono de tendência a integrar as importações latinas no sistema nominal por adopção do morfema típico do feminino.

Passemos agora a analisar, no âmbito do tema, a relação entre variação e mudança relativamente a alguns traços evolutivos mais precisos:

1. A variação /Ka/ - /Kwa/ (quadro II.1.) afecta já os primeiros gramáticos em proporções diferentes, devendo-se sem dúvida a maior frequência de quantidade ao apoio que quanto presta à forma com ditongo crescente. A menor frequência das formas em /Kwa/ em Barros, em que se encontra unicamente a forma cási, pode reflectir apenas um dos aspectos contraditórios de Barros, ou seja, o pendor arcaizante da sua prática. Só inventários completos permitirão ponderar a hipótese de que, quinze anos mais velho que Oliveira, Barros seja menos permeável a alguns dos novos usos em expansão. A escassez da representação dos vocábulos no corpus referente à segunda sincronia é parcialmente compensada pelos juízos de valor explicitados por Leão, que condena como vulgarismos as formas /Ka/ e preconiza o emprego das formas em /Kwa/. Parcialmente porque, sendo Leão ultra-relatinizante, os seus juízos só merecem credibilidade quando confirmados por outros dados, designadamente a vitória da forma culta no português padrão (8).

II	TOT	1	0	B	2	G	LRT	LRI
1. QUA- → /Ka/ -								
/Kwa/ -								
CALIDADE	20	19	6	13	[1]	---	1 VLG:1	---
QUALIDADE	4	1	1	---	3	1	1 PCN:1	1
CANTIDADE	10	9	2	7	[1]	---	1 VLG:1	---
QUANTIDADE	11	9	4	5	2	---	2 PCN:1	---
CÁSI	14	14	1	13	-	---	---	---
QUÁSI	40	33	33	---	5+2	---	2	3+LTP:2
2.-CT- ditongot /c/								
vogal + /s/								
AUTIVO	12	12	---	12 GR:12	-	---	---	---
ACTIVO	5	-	---	---	5	---	---	5 GR:5
AUTO	10	10	5	5	-	---	---	---
ACTO	---	-	---	---	-	---	---	---
AUÇÃO	6	---	---	5	1	---	---	1 NAT:1
ACCÃO	---	-	---	---	-	---	---	---
FRUITO, FRUITA	4	4	1	3	-	---	---	---
FRUTO, FRUTA	4	2	---	2	2	---	1	1
CONSTRUÇÃO	16	16	2 GR:2	14 GR:14	-	---	---	---
CONSTRUÇÃO	1	1	---	1 GR:1	-	---	---	---
PERFEITO	11	10	5	5 GR:1	1	---	1 MT:1	---
PERFECTO	5	-	---	---	5	1	4 PCN:1 GR:2	---
EFEITO	2	2	1	1	-	---	---	---
EFFECTO	2	-	---	---	2	---	2 MT:1	---
AFFECTO	3	-	---	---	3	---	1 MT:1	2
DOUTO	7	6	2	4 MT:1	1	---	1 MT:1	---
DOCTO	9	-	---	---	9	---	6 PCN:1	3
DIREITO } AJ/ST	7	2	2	---	5	---	4	1
DIRECTO }	2	-	---	---	2	---	1 MT:1	1
DEREITAMENTE	1	1	---	1	-	---	---	---
DIRECTAMENTE	1	-	---	---	1	---	---	1

5. -GN- > /n/ /gn/	TOT	1	0	B	2	G	LRT	LRI
DINO ... ¹	1	1	1	--	-	--	--	--
DIGNO ...	6	-	--	--	6	1	3	2
INORAR ... ²	1	1	1	--	-	--	--	--
IGNORAR ...	8	-	--	--	8	--	4	4
MANÍFICO ... ³	5	4	2	2	{1}	--	1 VLG:1	--
MAGNÍFICO ...	1	-	--	--	1	--	1 PCN:1	--
SINIFICAR ... ⁴	72	72	39	33	-	--	--	--
SIGNIFICAR ...	33	8	--	8	25	8	7	10

6. PP/PF+CONS- > vog./dit.+cons.
vog.+cons.+cons.

AUSOLUTO	1	1	--	1 GR:1	-	--	--	--
ABSOLUTAMENTE	1	-	--	--	1	--	--	1 GR:1
AUSENTE	1	1	1	--	-	--	--	--
ABSENTE	1	-	--	--	1	--	1 MT:1	--
AJETIVO	32	32	6	26	-	--	--	--
ADJECTIVO	--	-	--	--	-	--	--	--
ADMIRATIVO	1	-	--	--	1	--	1 GR:1	--
ADMITIR	5	-	--	--	5	--	5	--
AMOESTAR	7	7	7	--	-	--	--	--
AQUIRIR	4	3	2	1 LTP:1	1	1 LTP:1	--	--
AVÉRPIO, AVERBIAL	34	34	9	25	-	--	--	--
ADVÉRPIO	4	1	--	1	3	--	3	--
ADVERSIDADE	1	1	1	--	-	--	--	--
ADVERTIR	3	-	--	--	3	1	2	--
SUJUNTIVO	3	3	1	2	-	--	--	--
SUBJUNTIVO	1	-	--	--	1	--	1	--
SOMETER	1	1	--	1	-	--	--	--
SOTIL	2	2	1	1	-	--	--	--
SUSTANTIVO	32	32	7	25	-	--	--	--
SUBSTANTIVO	1	-	--	--	1	--	--	1

(1) INCLUI AS VARIANTES DE DIGNO, INDIGNO, DIGNIDADE.

(2) IDEM: IGNORAR, IGNORANTE, IGNORÂNCIA.

(3) IDEM: MAGNÍFICO, MAGNIFICAMENTE.

(4) IDEM: SIGNIFICAR, SIGNIFICAÇÃO, SIGNIFICADO (ST), SIGNIFICATIVO.

Em síntese : a variação está documentada desde o princípio do período em estudo, consolidando-se as variantes relatinizadas na língua culta, corrente e coloquial (Cfr: Português Fundamental (9): qualidade, quantidade, quase).

2. Os resultados de -CT- latino, documentados em direito/direc-
to, aução/acção, exigem que atentemos, embora rapidamente, no problema da realidade fonética representada pelas escrituras etimológicas.

Há fortes razões para crer que numa primeira fase apenas a grafia é restaurada, constituindo contudo a escrita etimológica o ponto de partida ou pelo menos um elemento fundamental de apoio para a relatinização da forma fônica, ainda oscilante no fim do século.

Assim é que Oliveira, particularmente atento à realidade fonética e à flutuação linguística, não refere qualquer oscilação fônica e, de acordo com o critério fonológico que advoga, condena a grafia em -ct-: "poys nos taes lugares soa antre nós .u. ou .i. mesturado em ditongo coa vogal que antes estava assi o escrevamos" (GR. 30 6-7). Trinta e oito anos mais tarde, Gândavo, movido pelos objectivos práticos e normativos que presidiram à elaboração das Regras de Orthografia, informa que muito raramente c é usado antes de t, embora em vocábulos "inteiramente" "usurpados do latim" seja "muita perfeição" usá-lo (RE. 23 1-8). Será necessário, ao auscultar as opiniões de Leão, expressa dois anos depois, ter em conta o pré-conceito gráfico-etimológico que frequentemente o esurdece, motivo por que por um lado é elucidativa a informação da oscilação que nos faculta, e por outro lado pode ser enganosa a referência à articulação de /kt/ ou /pt/ em vocábulos como docto ou precepto: "E screveremos docto, doctor, doctrina, precepto, preceptor, pecto, pectoral, perfecto, contracto, usufructo, & outros taes. E se algũus de orelhas mais mimosas dixerem, que lho soa melhor, pronunciar se estes como corruptos, & dixerem douto, doutor, doutrina, noute, ou noite, peito, perfeito, não lho estranharã. Porque na verdade, a pronunciação d'aqueles vocabulos, & de

outros semelhantes,algũus a fazem sem .c.Mas por starem tam inteiros na forma Latina,eu os não screveria senão por .c. que o uso tudo vem amolentar,& fazer corrente.Polo que a cada hum fique,screvelos como os pronuncia".(ORT. 52R 23-52V 10).

Em suma:documenta-se no corpus a variação entre formas tradicionais com ditongo e formas relatinizadas;sô o prosseguimento da pesquisa permitirá eventualmente determinar se,em vocábulos análogos aos representados no quadro II.2,o contorno fonético das formas com grafia etimológica coincide neste aspecto com o actual ou inclui a articulação de /kt/,não sendo de excluir a flutuação entre as duas formas fônicas,uma de sabor mais acentuadamente latino que outra.

Examinando agora o quadro II.2. :

- a) Constatamos a extinção das formas em que se deu a extinção de /k/ para a semi-vogal posterior (trauto,trautar não ocorrem já na primeira sincronia),mas as formas relatinizadas são ainda raras (activo, acto,acção não se encontram ainda n'Os Lusíadas,onde não ocorrem também as correspondentes formas tradicionais).
- b) Extinguir-se-ão também formas como o ditongo /uj/,que os primeiros gramáticos usam preferencialmente ,como fruito e construção (10).
- c) Relativamente à variação do tipo perfeito/perfecto,douto/docto,ela deverá ser interpretada à luz da informação de Leão anteriormente referida sobre a oscilação entre a articulação vernácula ou vernaculizante e a articulação relatinizante de dimensão incerta,e ainda como ilustrativa da não integração na língua de muitas das formas eruditas preconizadas e usadas por Leão.
- d) Finalmente,ressalta do exame do conjunto a raridade de formas modernas cultas particularmente frequentes: n'Os Lusíadas,Camões usa sempre,em vez de aspecto,aspeito (5 ocorrências),e em vez de afecto,afeito (2 ocorr.),embora a forma afecto se documente em

Leão.

e) Não obstante a raridade de exemplos convincentes da expansão do molde moderno, na sua dimensão fónica, encontra-se já documentada a constituição de pares - forma com ditongo/forma culta - operando-se a repartição semântica existente hoje em direito/directo. Nas formas direito, directo quinhentistas e correspondentes a-dvérbios em -mente convivem diversos sentidos, entre os quais os de "rectilíneo" e de "correcto"; mas na Origem da Língua Portuguesa encontra-se já directo no sentido de "sem rodeios", que se fixará no vocábulo opondo-o a direito. Origina-se assim, através da relatinização do idioma, um processo não apenas de ampliação do léxico mas também de repartição semântica, que largamente se repercute no português actual.

3. Não exploraremos a distribuição de variantes resultantes de EX- inicial latino seguido de consoante : os primeiros gramáticos usam, não excepção, mas eiceição, esperiência, cuja forma fónica subsiste, enquanto é característica dos últimos a grafia com ex- : experiencia, experimentar.

4. O panorama referente a -PT- latino é, nas suas linhas gerais, análogo ao de -CT-: a conceito, preceito, preceitivo, preceitor, seitimo, outativo, da primeira sincronia, opõe-se, na segunda, concepto, precepto, que não se integrarão na língua, preceptor e optativo que eliminarão as formas vernáculas concorrentes, como acontecerá com as formas não documentadas na segunda sincronia mas pertencentes ao português padrão actual, preceptivo e sétimo.

5. -GN- latino

É excepcional a adopção, para termos latinos recentemente importados, do tratamento caracteristicamente popular: entre os gramáticos só Barros o adopta quando traduz a agnomen e cognomen por anhome e conhome (a que se sobrepõe na Ortografia de Leão cognome), paralelamente ao que pratica no Diálogo da Viciosa Vergonha ao es-

crever insinhe, correspondente ao actual insigne.

A variação que caracteriza o corpus é a que opõe o tratamento semi-culto -n- e o grupo originário -gn-, exclusivo na parte do corpus representativa da segunda sincronia, que prenuncia o português actual, e que Leão preconiza na forma gráfica e na forma fónica, para os "vocábulos que estão incorruptos": "Com o qual .nh. não acrevermos algũ nome, a que os Latinos antes do .n. poem .g. Porque da mesma maneira os screveremos, como os Latinos. Polo que diremos, magno, & tam magno, magnifico, insigne, digno, regno, ignoto." (ORT. 13R 23-13V 4) (11).

6. Grupos consonânticos latinos originados por preposições latinas prefixadas e variação do tipo ausoluto/absoluto, amoestar/admoestar.

O contraste é muito nítido entre a primeira e a segunda sincronia: na primeira, os grupos consonânticos dissolvem-se por vocalização ou assimilação, resultado este quase constante: são perfeitamente excepcionais formas como advérbio, usada uma vez por Barros, a par de 25 ocorrências de avérbio, ou como adversidade, forma usada por Oliveira. Na segunda sincronia, o panorama apresenta a mesma uniformidade, mas em sentido inverso, por reaproximação do latim. Não dispomos, neste caso, de informações dos gramáticos sobre a realidade fonética correspondente às escritas etimológicas, visto que as descrições-prescrições de Leão fundem sílabas e "dições" gregas ou latinas com sílabas e palavras portuguesas, bem como grafia e etimologia com fonia (Cf. ORT., 33R a 38R). Mas, como relativamente aos traços anteriores, é sem dúvida por via gráfica que penetram as consoantes que articulamos hoje (12). Enquanto os primeiros gramáticos, ao importarem vocábulos do latim, os integram na estrutura tradicional da sílaba e do vocábulo, nada ou quase nada os distinguindo, de um ponto de vista sincrónico, dos vocábulos pertencentes ao fundo patrimonial, são grupos de letras ou de fonemas perfei-

tamente insólitos no contexto linguístico coevo. Aqueles que claramente dominam a segunda sincronia. Não obstante, o seu número e a sua frequência aumentarão como bola de neve, reflectindo a consolidação de uma vogal que virá a substituir o latinismo aquirir, significativamente usado por Barros e por Gândavo em versos simultaneamente latinos e portugueses, pela forma adquirir que, não sendo mais latina que a anterior, o é contudo mais visivelmente. A amplitude do movimento pode ser comprovada pelo Vocabulário do Português Fundamental onde, só na primeira página encontramos absolutamente, adaptar, admirar, admitir, advogado.

7. Prescindindo de tratar outros factos ilustrativos do tema, referirei rapidamente o aumento do número de proparoxítonos, deixando de lado aqueles que pertencem à terminologia gramatical. Documentados alguns na primeira sincronia, como princípio, caracterizam sobretudo a segunda, como árbitro, em substituição de alvidro, mácula, metafísico, monopólio, presídio, supérfluo.

Neste domínio e nos anteriores importa ter em conta não apenas a introdução de elementos novos, mas o aumento da frequência de formas recentemente introduzidas: a relação raro-frequente altera-se e configura diversamente a língua de comunicação corrente. Assim é que no século XVI o termo corrente por contraste com o latinismo último, atestado no século XIV, é ainda derradeiro, mas a situação inverte-se-á a favor de último, cuja frequência no corpus anuncia a situação actual. Do mesmo teor é a vogal crescente dos superlativos em -íssimo, na segunda sincronia.

É tempo de concluir: e dos factos anteriores parece difícil não concluir que na primeira sincronia domina a deriva tradicional em que se integra o fluxo das formas semi-eruditas; na segunda sincronia, a esse estrato de base sobrepõe-se novo estrato, proveniente este da importação directa ao latim clássico de formas marcadas pelo cariz originário; na maioria dos casos pelo menos, a forma grã-

fica terá precedido a forma fônica, o sinal visual terá suscitado e consolidado o sinal acústico, sendo a expansão das novas formas indissociável do papel desempenhado pela imprensa na maior acessibilidade do texto escrito, e da normatividade crescente do discurso gramatical, que tende a instaurar um padrão linguístico fortemente unificado.

Os traços alheios à estrutura tradicional são suficientemente numerosos e homogêneos para considerarmos que eles imprimem nova configuração à língua nacional, ao mesmo tempo que acentuam a clivagem entre a língua de comunicação corrente e a língua culta, escrita ou oral, bem como entre a língua das camadas populares e a língua da classe dominante e estratos sociais afins.

Seria truncar gravemente o desenvolvimento do tema prescindir de atentar nas relações entre atitudes e práticas linguísticas. São fundamentalmente relações de coerência as que se estabelecem entre os diversos planos da forma e os diversos planos do conteúdo das obras.

Oliveira, concebendo a língua em perpétuo movimento (13) e constante ductilidade (14), e escrevendo-a na versatilidade também decorrente do seu funcionamento oral, toma posição no conflito de usos que então se afrontam na Europa renascentista, condenando e satirizando a regressão a uma língua tida por definitivamente morta (15) e insurgindo-se contra o desvirtuamento do vernáculo (16), que pratica na individualidade que se fora consolidando ao longo dos séculos.

Barros perspectiva preferencialmente a língua na sua uniformidade e na estabilidade do seu enraizamento no passado (com o que se relacionam o carácter arcaizante da sua linguagem e o seu apreço pelos "termos" de "antre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa" -GR.56V 20-21), passado cuja matriz latina é constantemente invocada e revitalizada, e lhe fornece o principal critério de valor-

zação idiomática: a língua "melhór, e mais elegante" é "a que se mais confôrma com a latina, assi em vocábulos como na orthografia" (54R 2-4). Ao julzo formulado por Oliveira quatro anos antes - "milhor he que ensinemos a Guiné ca que sejamos ensinados de Roma" (GR.7 28-29) - contrapõe-se significativamente o de Barros ao enaltecer a "usurpação de vocábulos" ao latim, praticada através de traduções: "Este exercício se o nós usáramos, já tivéramos conquistada a língua latina como temos África e Ásia: á conquista das quães nos mais dêmos que ás treladações latinas." (56R 17-20). No plano das atitudes, Barros é já a sede de uma viragem, que se projecta na sua prática linguística, já oscilante entre a vernaculidade ainda predominante e a relatinização, entre a adaptação do termo latino à "música" da língua e a conservação ou restituição do cariz originário também ainda menos frequente.

É à linhagem de Barros, não à de Oliveira, que pertencem Gândavo e Leão, que o citam como uma autoridade e nele se reconhecem: o que Barros apresenta como um futuro desejável que põe em prática parcialmente, em Gândavo e Leão é já resultado estabilizado: Roma havia entretanto sido conquistada, como diria Barros ou, mais exactamente, conquistava pela segunda vez os ânimos e dominava os usos: "não havia de haver pessoa que se prezasse de si, que não trabalhasse por saber algum latim, que nisso consiste o falar bem Português" - afirma Gândavo (RE. 8 15-18).

Aplicando à língua a sua óptica de jurista, Leão elabora o código de legitimidade em matéria linguística o qual assenta em três coordenadas interdependentes: a normatividade do discurso gramatical, a definição da norma do idioma e a relatinização.

Embora o objectivo da Orthographia, implícito no título da obra, incida principalmente na forma gráfica do vocábulo, reconduzida às suas origens, com a coerência que a simplicidade do critério etimológico facilita, o carácter densamente prescritivo da obra atinge

todos os planos da língua, gerando a produção de juízos de valor que, prolongando-se na Origem da Língua Portuguesa, opõe constantemente usos rejeitados a usos preconizados e bipolarizam a variação linguística entre formas "erradas" e "emendadas", sendo os juízos mitigados ou reticentes, do tipo de "preferível, ainda que a título pessoal" ou "criticável que suscita reservas" (que Oliveira formula de vez em quando) muito menos frequentes que os juízos peremptórios.

Essa normatividade é indissociável da normalização, enquanto definição de um modelo de boa linguagem, padrão linguístico unificador e prestigioso, e como tal conducente à recessão progressiva das variáveis que dele divergem. A norma é situada por Leão no topo da pirâmide social e a estratificação linguística é também ela bipolarizada: aos usos que caracterizam a "gente vulgar" (ORT.69V), "os plebeus ou idiotas" (ORI.115), os "omens do vulgo" (ORI.140 23) opõem-se aqueles que distinguem os "homens polidos" (ORI.115), os "maiores e mais nobres", a cuja linguagem os restantes "se devem accomodar" (ORI.140 21-23), sendo a corte considerada como "a officina onde os vocabulos se forjão, & pulem, & donde manão pera os outros homens" (ORI.32 13-15).

A normatividade tem como componente fundamental a relatinização: as formas rejeitadas são em elevada proporção as formas "corruptas", o que, na linguagem de Leão significa "submetidas às leis da evolução tradicional", enquanto as formas preconizadas são em grande parte formas "incorruptas" ou restauradas. Na zona de sobreposição das três coordenadas situa-se a própria prática linguística de Leão, enquanto ilustração dos princípios que advoga, exemplo da variedade diastrática em que se insere a concreta reaproximação da língua mãe.

A relatinização é efectivamente também uma das componentes do padrão linguístico e funciona a nível social como índice de integração num grupo social hegemónico, que produz os sinais da sua identi-

dade, sinais tanto mais nítidos quanto (como foi assinalado anteriormente) são sincronicamente aberrantes muitos dos traços inovadores preconizados por Leão. Parece difícil que seja outro o significado da argumentação de Leão ao advogar a "inovação" de vocábulos: "para o que se não deve ouvir hũa secta de homens, que querem que o que se falla ou escreve seja per palavras costumadas e antigas, & que os homens do vulgo entendam ser innovar vocabulos, que he razão de homens de pouco discurso, & sem erudição" (ORI. 140 23-141 4).

Que o conflito de usos não havia sido totalmente sanado, comprova-o a referência de Leão à "secta de homens" de opinião contrária, que ilustra a sobrevivência de concepções semelhantes às de Oliveira, mas também a distância entre as atitudes dominantes na segunda sincronia e a do primeiro gramático para quem "a primeira & principal virtude da língua é ser clara & que a possão tódos entender & para ser bem entendida há de ser a mais acostumada entre os milhores della & os milhores da língua são os que mais lerão & virão & viverão continoando mais antre primores sisudos & assentados & não amigos de muita mudança" (GR. 53 10-16); daí que Oliveira se insurja contra os que "trazem nova língua à terra", visto ser a língua o símbolo da unidade nacional "e da irmandade dos vassalos" (GR. 44 23-25).

NOTAS

- (1) Descrição do corpus: 1. Obras tratadas exhaustivamente: 1.1, Fernão de Oliveira - Grammatica da lingoagem portuguesa (1536): 23.520 pal., 35,78%; 1.2. João de Barros - Obra gramatical e paralinguística: texto contínuo da "Cartinha" (1539) e Grammatica da lingua Portuguesa, incluindo o "Diálogo em louvor da nossa linguagem" (1540): 24.532 pal., 37,32%; total relativo à primeira sincronia: 48.052 pal. 73,10%. 2. Obras tratadas por amostra: 2.1. Pêro de Ma-

galhães de Gândavo - Regras que ensinam a maneira de escrever e Orthographia da lingua Portuguesa com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua (1574); 2.096 pal., 3,18%;
 2.2. Duarte Nunes de Leão - Orthographiada Lingoa Portuguesa (1576): 8.903 pal., 13,54%;
 2.3. Duarte Nunes de Leão - Origem da Lingoa Portuguesa (1606): 6.678 pal., 10,16%; total relativo à segunda sincronia : 17.678 pal., 26,89%. Total do corpus: 65.730 palavras-ocorrências.

- (2) Partiu-se de uma tábua de números ao acaso, referente aos fólhos ou às páginas da edição princeps; cf. Ch. Muller, Iniciation aux méthodes de la statistique linguistique. Paris, 1973, pp. 18-22 e 169.
- (3) Assim, Dedicatórias e Prólogos que ,por constituírem um registo mais tenso que o da generalidade do texto, fornecem matéria particularmente adequada à análise de distribuição de variantes; relativamente às obras de Leão, englobaram-se ainda nas amostras listas de palavras que dão informação primordial sobre a evolução da língua quinhentista e sobre a sua diversificação social.
- (4) Todas as atestações seguintes são colhidas em José Pedro Machado, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 3ª ed., Lisboa, 1977, única obra consultada sistematicamente na fase de pesquisa em que me encontro.
- (5) Neste quadro e nos restantes, as formas à esquerda foram gráfica e foneticamente reduzidas ao denominador comum pertinente para a variação em estudo, e a flexão foi reunida segundo os critérios praticados nos dicionários.
- (6) K. S. Roberts - Orthography, phonology and word study of the "Leal Conselheiro", Filadélfia, 1940.
- (7) Embora só se possa ajuizar da validade informativa d'Os Lusíadas, mediante a comparação entre a língua do poema épico e a língua não literária, cuja importância para a linguística histórica o prof.

Lindley Cintra salientava em 63 para o período medieval ("Les anciens textes non littéraires, classement et bibliographie" e "Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII^e siècle", in Revue de Linguistique Romane, Strasbourg, XXVII, 1963, pp. 40-58 e 59-77). Na realidade, se o pendor latinizante d'Os Lusíadas tem atraído o interesse dos investigadores, como Correia da Silva (Ensaio sobre os latinismos dos Lusíadas, Lisboa, 1935, 1972,) e o Prof. Herculano de Carvalho ("Contribuição de "Os Lusíadas para a renovação da Língua Portuguesa", separata da Revista Portuguesa de Filologia, XVIII, Coimbra, 1980) não é ainda possível situar Camões perante usos que flutuam na época, prendendo-se uns predominantemente ao passado, anunciando outros o futuro. As frequências referentes a "Os Lusíadas" foram estabelecidas por consulta de A. G. da Cunha, Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1980 e de T. Verdelho, Índice Reverso de Os Lusíadas, Coimbra, 1981.

- (8) Note-se a Regra XII da Orthographia, em parte do texto exterior à amostra: "Que reduzamos a melhor scriptura muitas dições que sendo Latinas, & stando incorruptas em muitas syllabas, & algũas em todas, tirada a da terminação lhe tiramos suas letras como são estas: calidade, cantidade, contia, nunca, cinco, ca, acolã, como? advérbio interrogativo, havendo de dizer: qualidade, quantidade, quantia, nunca, cinco, qua, aquola, quomo?" (p. 56V).
- (9) Português Fundamental, vol. I, t. I, Vocabulário, Lisboa, 1984.
- (10) Não tem assim fundamento válido o critério de fixação do texto da Rópica Pnema praticado por Révah - "fructo transcrever-se-ã fruito - assente na afirmação de que é essa a grafia que representa "a pronúncia do século XVI" (João de Barros, Rópica Pnema, edit.: I. S. Révah, vol. II, p. XXIII, Lisboa, reimpressão, 1983); não só a opção de Révah obscurece uma flutuação que é afinal o início do movimento que cessará pela vitória de fruto, como na Gramática

de Barros (é certo que publicada oito anos depois) não ocorrem nunca as formas com -ct-, oscilando o texto, como de resto todo o corpus entre fruito, (-a) e fruto, (-a) que os gramáticos da segunda sincronia grafam com -tt-.

- (11) A flutuação que o texto de Leão inculca documenta-se também n'Os Lusíadas onde magno (-s) rima com estranho(-s) (2 ocorrências), mas onde predominam as rimas de vocábulos grafados com -n- ou -gn- (digno, indigno, maligno, benigno), com formas como cristalino, fina, inclina.
- (12) Já relativamente a fenómenos anteriores o poderia ter assinalado, mas a densidade de vocábulos pertencentes à terminologia gramatical alicerça melhor neste momento a observação da geral identidade de tratamento, para cada autor, da metalíngua gramatical e da língua propriamente dita à excepção, em Barros, dos termos da retórica tradicional, que mantêm em geral a forma originária, grega ou latina, como Prolepsis (35V 19) ou Cacophaton (36V 4), à semelhança de Nebrija, que Barros segue mimeticamente ao longo de todo o capítulo intitulado "Das Figuras" (33V-39V).
- (13) "muy poucas são as cousas que durão por todas ou muitas idades em hum estado quanto mais as falas que sempre se conformão com os conceitos ou entenderes, juyzos e tratos dos homens" (GR. 50 2-5)
- (14) Reflectindo o contacto com outros povos "de Guiné & da Índia", a invenção de novas artes como "a da impressão" (GR. 43), a diversificação dos ofícios, "como os cavaleiros que têm huns vocabolos & os lavradores outros", bem como "cortesãos", "religiosos", "mecánicos" ou "mercadores", ou ainda a diferença das "terras": "porque os da Beira tem hũas falas e os d'Alentejo outras" (...) ou da idade, porque não falam do mesmo modo "o velho" e o "mancebo" (GR. 52)
- (15) "Nós, que não somos latinos" (GR: 52 31-32), não devemos escrever

"à imitação dos latinos" (27 14-16), nem tão pouco ser "bogios dos latinos" (23 3), motivos por que se deve deixar que "os latinos aperfiem consigo" enquanto "nós da nossa língua sentimos" (24 19-20), concepção esta tão firmemente arraigada que nem valerá a pena refutar a opinião dos latinos por convicção: "& quando muito aperfiarem estes nossos latinos acalentemolos dizendo que si" (54 12-14).

- (16) O que ilustramos apenas por recurso a alguns dos contextos de melodia: "examinemos a melodia da nossa língua e essa guardemos" (GR.11 31), "ora poys as dições gregas quando vem ter entre nós tão longe de sua terra, já lhes não lembre a sua ortografia: & nós as fazemos conformar com a melodia das nossas vozes, & com as nossas letras lhes podemos servir" (14 13-17); "os quaes ((vocâbulos "emprestados" do latim)) como nossos os avemos de tratar & pronunciar & conformar ao som da nossa melodia & ao sentido das nossas orelhas" (41 25-28).